

"VIVEMOS EXPERIÊNCIAS DE AUTOGESTÃO E GESTÃO COLETIVA EM QUE HAVIA O EXERCÍCIO E O APRENDIZADO DE RELAÇÕES SOCIAIS MAIS SOLIDÁRIAS E COOPERATIVAS, CHEIAS DE CRIATIVIDADE."

SUZANA SEDREZ - PROFESSORA APOSENTADA DA FURB
MINHA PASSAGEM PELA FURB
PÁGINA 11

"NO BRASIL UM MOMENTO TÃO FECHADO, VOCÊ NÃO SABE PRA ONDE A GENTE VAI. ENTÃO, TEM QUE TOMAR MUITO CUIDADO COM POLÍTICA. FALAR POUCO, OU NÃO FALAR NADA. E CANTAR, QUE AÍ NINGUÉM PODE ME PROIBIR DE CANTAR... NÃO MEXO COM NINGUÉM. A VOZ DO POVO É QUE É MARAVILHOSA"

ELZA SOARES
"ACORDA, BRASIL DORMINHOCO"
PÁGINA 12

"ESTAMOS AVISADOS QUE O MUNDO DEVE SE SUBMETER AOS DESÍGNIOS DO GRANDE IMPÉRIO E ENTREGAR-SE ÀS SUAS NECESSIDADES DE EXPLORAR AS RIQUEZAS DE TODO E QUALQUER PAÍS DO PLANETA, POR BEM OU POR MAL."

JORGE GUSTAVO BARBOSA DE OLIVEIRA - PROFESSOR E COLUNISTA DO EXPRESSÃO TRIUNVIRATO
PÁGINA 13

RELIGIOSIDADE PLURAL



Projeto FOCUS, do curso de Publicidade e Propaganda da FURB, apresenta dados exclusivos sobre a manifestação da religiosidade dos moradores de Blumenau.

PÁGINAS 8 E 9

CRÉDITO: RAFAELA MARTINS



POR UM MUNDO COM IGUALDADE DE GÊNERO

O 13º CONGRESSO MUNDOS DE MULHERES, QUE INTEGROU O 11º FAZENDO GÊNERO, REUNIU CERCA DE 10 MIL PESSOAS NA MARCHA MUNDIAL DE MULHERES, EM FLORIANÓPOLIS, EM AGOSTO. PRÓXIMA EDIÇÃO DO ENCONTRO SERÁ EM MOÇAMBIQUE, EM TRÊS ANOS.

PÁGINAS 6 E 7

CRÉDITO: LUIZ ANTONELLO

INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS NO TEATRO

DURANTE DOIS DIAS, O TEATRO CARLOS GOMES RECEBEU 140 ATRAÇÕES CULTURAIS OFERECIDAS GRATUITAMENTE AO PÚBLICO, NA PROGRAMAÇÃO DA 6ª EDIÇÃO DO COLMEIA - COLETIVO LABORAL MULTICULTURAL DE EXPERIMENTAÇÕES E INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS

PÁGINA 15



O PROGRAMA ALUMNI - A IMPORTÂNCIA DOS ALUNOS EGRESSOS

Em fevereiro deste ano, o CONSUNI (Conselho Universitário) aprovou a Resolução 003/2017, modificada posteriormente pela Resolução 065/2017 que institui a Política de Relacionamento da FURB com seus Egressos e o Programa *Alumni*. A primeira iniciativa que a FURB teve de estabelecer um relacionamento institucional com seus ex-alunos foi em 2005 com a criação da Central de ex-Alunos, que se resume a ter acesso aos serviços da biblioteca, aos classificados e a descontos em cursos ofertados pela FURB. Dado a demanda e necessidades de se ampliar esse relacionamento, já manifestado no Plano de Desenvolvimento Institucional, PDI (2010-2015). A FURB, com mais de 50 anos de existência, possui um conjunto de egressos que não se compara a de muitas instituições de ensino superior abertas recentemente.

No entanto, só a pouco tempo as universidades brasileiras se deram conta de estabelecer um relacionamento mais estreito com seus ex-alunos, e, de forma mais ampla, diversificar seus programas de benefícios mútuos. O termo utilizado para designar o ex-aluno, como *alumni* (do latim “*alumnus*” - aluno, pupilo, educando), designam-se, normalmente, pessoas que se formaram numa instituição superior. Em muitos países se aplica o termo “*alumni*” para indicar tanto os alunos universitários, como os antigos alunos de um *college* ou de uma universidade. Em outros países, como nos Estados Unidos e países europeus, essa relação com os egressos é muito mais estreita e já ocorre desde a fundação de muitas universidades. A constituição do primeiro cargo de um *alumni secretary* do mundo ocorreu em 1792, na Universidade de Yale em New Haven. Em 1821, foi constituída a primeira *alumni society* por alunos já diplomados na Williams College, de Maryland.

A “*Yale Alumni Weekly*”, em 1890, foi pioneira nas revistas criadas por *alumni* para *alumni*, tendo sido as revistas uma forma de manter informados também os membros das associações que incluíam os alunos já diplomados, por um lado, mas também desta forma angariar fontes de financiamento alternativas para as universidades.

A resolução prevê que cada curso de graduação e pós-graduação *strictu-sensu* crie e mantenha um núcleo de Acompanhamento de Egressos, medida que nos parece acertada pois nada melhor que docentes da mesma área do conhecimento para mapear os egressos e constituir um banco de dados de informações sobre eles, e a coordenação e suporte ficou com o Instituto FURB.

A FURB pretende disponibilizar em seu website institucional um Portal *Alumni*, onde constarão as diretrizes gerais relativas a Política de Relacionamento com os Egressos. O que fundamentalmente há de novo nessa nova política? A FURB deseja aproximar mais os egressos a participar de atividades acadêmicas na discussão e atualização dos PPC (Plano Pedagógico do Cursos) induzindo um olhar externo sobre as demandas da profissão, bem como participar de atividades com bancas de defesa de TCC, dissertações ou teses, além de atividades culturais e eventos desportivos, como homenagens e reconhecimento de

egressos. Novo também é o possível apadrinhamento para com um estudante de graduação com vulnerabilidade sócio econômica. Essas são algumas das diretrizes já aprovadas além do que já era previsto na legislação anterior.

Quais são algumas ações e experiências de outras universidades no desenvolvimento institucional com os seus egressos? As associações de *alumni* norte-americanas são geridas como unidades independentes por gestores profissionais, oferecendo serviços que podem ser gratuitos ou pagos aos seus membros. Os alunos começam a fazer parte da sua *alma mater* e mantêm-se de preferência membros da instituição depois de terminar o seu curso como diplomados, recebendo apoio e acompanhamento por parte de *alumni offices* para a sua integração e formação contínua no mercado de trabalho, ou sendo abordados pelo departamento de *fundraising* (captação de recurso), para mais tarde, oferecer apoio financeiro ou de outra natureza à instituição, onde se formaram.

Campanhas de captação de recursos para projetos específicos como a construção de laboratórios, auditórios e outras instalações são bastante utilizadas em muitas universidades que recebem contribuições de ex-alunos e doadores em potencial o que representa um sentimento de gratidão que se inicia com uma política de relacionamento duradouro para com os egressos. O Insper de São Paulo é uma instituição de Ensino Superior que mantém uma captação de recursos através de um fundo rotativos de bolsas para alunos que não podem pagar ou se manter durante o curso e um programa de mentoria, que consiste em um ex-aluno com anos de experiência profissional seja uma espécie de guia orientador nas decisões na carreira de um ou mais alunos de um pequeno grupo. Essa estratégia emula no aluno diante do profissional bem-sucedido uma referência positiva de que “eu também posso chegar lá” representando o reforço de um senso de pertencimento a uma universidade de qualidade. Muitos

“*slogans*” atualmente utilizados por essas universidades exploram esse sentimento aumentando a fidelização nos programas de educação continuada e estimulando as próximas gerações da mesma família a estudarem na mesma universidade.

Aqui na FURB vários cursos de graduação convidam ex-alunos como palestrantes em suas semanas acadêmicas. A experiência relatada de ser convidado em um evento é recebida com grande carinho pelo egresso que muitas vezes nunca mais tinha pisado na universidade após formado. Relatos de agradecimento pelos tempos da academia são surpreendentes e foram contados em rodas de conversas e na discussão formal do CONSUNI que apreciou essa matéria.

Para que o programa dê certo é necessário, portanto, a dedicação de cada curso nesse projeto e na instalação dos Núcleo de Acompanhamento de Egressos e uma capacitação de como conduzir o programa com a coordenação geral do instituto FURB para o banco de dados, pois a primeira pergunta a se fazer é: Como estão, Onde estão e o Que fazem nossos ex-Alunos?

“

Para que o programa dê certo é necessário, portanto, a dedicação de cada curso nesse projeto e na instalação dos Núcleo de Acompanhamento de Egressos e uma capacitação de como conduzir o programa com a coordenação geral do instituto FURB para o banco de dados

PARTICIPE DO EXPRESSÃO! Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPEs | 2014/2017

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** -, **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (CCT), **Tesoureiro:** Nazareno Schmoeller (CCSA), **1º Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF), **Diretor de Cultura e Cuidados com a Saúde:** João Luiz Gurgel Calvet da Silveira (CCS), **Diretor de Imprensa e Comunicação:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), **Diretor de Assuntos Jurídicos:** Morilo José Rigon Júnior (CCEN), **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoní Goretti Damo (CCS)

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Leandro Junkes (Biotério Central) e Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)
Suplentes: Márcio C. de Souza Rastelli (CCS), Selézio Rodrigues (DAC) e Wanderley Renato Ortunio (Etevi)

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 2.000 cópias. **Gráfica:** Grafnorte S/A (Apucarana, PR) - (41) 3598.1113 ou (41) 9926.1113

Jornalista Responsável: Magali Moser - MTB/SC 02353 JP
Luiz Guilherme Antonello (estagiário de Jornalismo)

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

Contato

Expressão Universitária é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, anexo à cantina central - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89030-903

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br





INTERNAS

INTERCÂMBIO É TEMA DE WORKSHOP

A Coordenadoria de Relações Internacionais (CRI) da Universidade Regional de Blumenau (FURB) promove workshop de Intercâmbio no dia 11 de setembro. Será das 18h30min às 21h30min, no Auditório da Biblioteca central, no Campus 1. O workshop apresenta informações sobre intercâmbio, como funciona, dicas, custos e prazos. E também traz experiência de intercambistas estrangeiros e de alunos da FURB que voltaram do intercâmbio.

Para os participantes, será fornecido atestado de 3 horas/atividades. As inscrições de candidatura à participação dos programas de intercâmbio estão abertas até o dia 15 deste mês, àqueles que pretendem viajar no primeiro semestre de 2018. Para acessar o edital e fazer a inscrição, acesse: furb.br/intercambio

Mais informações sobre o workshop e o intercâmbio, em facebook.com/Intercambio-FURB, envie e-mail para cri@furb.br ou ligue para 47 3321-0214.

FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA TEM NOVA DATA

A Feira de Economia Solidária do mês de setembro teve sua data alterada para os dias 19 e 20, e ocorre no entorno (em frente, na lateral e atrás) da Vitrine da ECOSOL, localizada na rua São Paulo, 1525, Ed. Cristiana, no bairro Victor Konder (Campus 1 da FURB).

A mudança ocorreu em decorrência da montagem da estrutura para o MIPE. Sob a coordenação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da FURB, a feira ocorre nos dois dias, das 8h30min às 18h30min. Mais informações, pelo 47 3321-0528 ou pelos e-mails itcpfurb@gmail.com e vitrinedaecosol@gmail.com

INTERAÇÃO FURB TEM CERCA DE 6400 INSCRITOS

Cerca de 6.400 alunos se inscreveram para o Interação FURB, evento anual que ocorre em 27 de setembro. Deste número, 7% são inscrições de alunos do 1º ano do Ensino Médio, 20% do 2º ano, 62% do 3º ano e 3% para formados no Ensino Médio. A organização lembra que o número de alunos do 3º ano foi em média 45 a 50% menor por causa da mudança do 8º e do 9º ano.

O evento dá a oportunidade a alunos do ensino médio de conhecer a estrutura da Universidade Regional de Blumenau e, também, de participar das oficinas organizadas pelos cursos de graduação, intercâmbio e cursos de curta duração.

Essa interação auxilia os estudantes na escolha de qual curso seguir, sanar as dúvidas e apresentá-los as várias possibilidades de atuação dentro de um mesmo curso. Será das 8h às 22h e o local de encontro é na tenda do campus 1 da FURB. Para mais informações e consultar a programação acesse furb.br/interacao



SAÚDE DO TRABALHADOR É PAUTA DE MESA REDONDA NA FURB

No dia 13 de setembro, ocorre a mesa redonda "Saúde do Trabalhador e Controle Social: normas técnicas e fiscalização", das 14h às 18h, na sala H-105, Campus 1 da FURB. Como palestrantes, a mesa redonda contará com a professora do departamento de Direito, Elsa Cristina Bevia, além de Fabiano Machado Felizardo e Zaira Danielle Ferreira Albuquerque, especialista em Engenharia de Segurança no Trabalho.

Durante o evento, serão expostos e debatidos a política nacional de saúde do trabalhador e da trabalhadora, e as principais normas técnicas que regulam as condições de segurança e promoção de saúde nos ambientes de trabalho, apresentando as instituições existentes de fiscalização para garantia do direito ao trabalho saudável.

O evento de extensão é vinculado ao projeto "Controle Social na Política Pública de Saúde do Trabalhador"; A entrada é franca e vale AACCs. Um dos setores em que há mais casos de acidentes é o de serviços, principalmente o de transportes rodoviários, que ocupa o 1º lugar em quantidade de óbitos e o 2º lugar em incapacidades permanentes, de acordo com o Ministério do Trabalho. Quanto ao perfil dos acidentados, a maioria – 102 mil trabalhadores – sofre os acidentes entre 30 e 34 anos.

Em Blumenau, os índices de adoecimento em decorrência do trabalho também preocupam. Chega a 10% a média percentual de trabalhadores com emprego formal, que recebem benefícios do INSS por auxílio-doença e auxílio-doença decorrente de acidentes de trabalho.

EX-ALUNA DA FURB FAZ CONFERÊNCIA SOBRE PUBLICIDADE, PROPAGANDA E JORNALISMO

Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela FURB, Lorreine Beatrice Petters apresentou a 1ª Conferência Internacional de Comunicação nos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda, sobre "Influências entre as produções jornalísticas e publicitárias online: olhares cruzados entre o Brasil e a França", no último dia 16 de agosto, na FURB. O tema traz uma abordagem sobre teorias da Publicidade, com conhecimentos sobre Jornalismo, e se inscreve em um projeto proposto por uma equipe de pesquisadores brasileiros (UFMG e USP)



FOTO: JÚLIA HENN CHRISTIANIN

e franceses (Université Paris 4-CELSA). A pesquisa prevê uma análise de conteúdo de pure players de informação brasileiros e franceses, assim como entrevistas com profissionais dos dois países. No entanto, ainda não se têm os resultados de pesquisa, pois ela está em fase inicial. Radicada na França, a blumenauense é pós-graduada em Marketing empresarial pela Faculdade de Administração e Economia (2008), mestre em Diffusion de la culture pela Université Stendhal - Grenoble-França (2010) e em comunicação pela Université Sorbonne Nouvelle (2011), Paris-França. É doutora em ciências da informação e da comunicação pela mesma universidade (2016). Atualmente é pesquisadora no Centro de Pesquisa APPLA&CO da Sorbonne. Na França também lecionou na Universidade de Lorraine e na cidade francesa de Nantes. Para entrar em contato com Lorreine, envie e-mail para lorreine.petters@gmail.com

O PRECONCEITO NÃO

Práticas de discriminação ajudam a criar a ideia no inconsciente da população de que a cultura branca é superior às mídias.

POR GUSTAVO GRIEBNER, LUIZA BEYER MOGK E STEFANIE ADRIANE LEBER

Estudantes de Ensino Médio sob orientação do professor de História Martin Kreuz

O preconceito racial se caracteriza pela ideia de que uma raça é superior às outras, havendo assim uma hierarquia entre as etnias, e ele pode assumir diversas formas; algumas vezes está bem aos olhos, como políticas e leis discriminatórias, e outras pode estar encoberto e enraizado na sociedade, devido à falta de políticas integradoras das minorias e, ainda, também pode aparecer em “brincadeiras” e piadas racistas. O segundo é o que caracteriza o formato que se instaurou em nossa sociedade após a abolição da escravatura, que é chamado racismo estrutural – quando casos de racismo são vistos com naturalidade, pois esse se tornou normal no cotidiano –, formado por uma política que prefere não falar sobre o preconceito, pois acredita que já existe a igualdade entre as etnias e não enxerga o racismo que existe em si mesma. Isso ocorre, principalmente, como produto da escravidão colonial, que perdurou por mais três séculos em nosso país e

gerou um histórico-cultural que carregamos até hoje, onde o negro é visto como inferior. A alegação de que existe uma democracia racial também mostra a nossa dificuldade de reconhecer o preconceito em nossa sociedade.

É fato, que, o nosso país, na sua época de colonização, foi uma das nações que fizeram o uso de trabalho escravo em sua constituição, mostrando-se ser o regime escravista mais longo da história. Porém, mesmo depois da abolição da escravatura, que teve seu marco no dia 13 de 1888, quando os escravizados foram libertos e começaram a ser considerados cidadãos livres, a população negra não obteve seus direitos totalmente aplicados na sociedade e, ainda hoje, mais de um século depois, não são tratados com igualdade perante a mesma. Esse fato acontece porque a abolição foi meramente formal e não criou políticas de inserção do negro na sociedade nem se esforçou para trazer igualdade política, social, econômica e de oportunidades para a nova classe que se formava. Também não houve pagamentos de indenização aos ex-escravos pelo que sofreram ou alguma coisa que os desse um ponto de partida, fazendo com que a realidade do negro em nosso país não se alterasse, já que ele continuou a ser deixado de lado e a compor o nível mais baixo da estrutura social, fato relatado na música “A Mão da Limpeza”, de Gilberto Gil, onde o autor diz “mesmo depois de abolida a escravidão, negra é a mão de quem faz a limpeza”, que faz referência aos trabalhos exercidos pela população negra após a abolição, que continuaram sendo os mesmos que já faziam antes, porém, agora, eram remunerados. Assim, fica visível que, durante anos, esses fatos foram naturalizados em nossa sociedade e, hoje, os enxergamos como normais, sem entender que isso acontece devido ao legado histórico-cultural de

nosso país e que estamos contribuindo com ele.

Além disso, analisando os dados sobre a nossa população, é possível ver claramente que a sociedade brasileira é composta majoritariamente por negros, que integram cinquenta e três por cento da mesma, o que significa que, caso existisse a plena igualdade racial, os indicadores sociais e econômicos deveriam estar distribuídos de forma proporcional a esse número. Contudo, observando tais estatísticas é notório que isso não ocorre, visto que, referente à renda, setenta e seis por cento da população mais pobre do país é negra e pode-se observar que essa realidade ocorre como resultado da diferença salarial entre negros e brancos, já que, segundo os índices indicam, o salário médio de uma pessoa negra é 2,4 (duas vírgula quatro) vezes menor que o de seus colegas de trabalho brancos. Ademais, os afrodescendentes são formadores de quase toda a classe de faxineiros, lixeiros, serventes e afins, uma vez que apenas onze por cento desses trabalhadores não são negros, segundo o estudo feito pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) e ainda são a minoria em cargos altos nas empresas, ocupando menos de cinco por cento dos cargos executivos, de acordo com a pesquisa feita pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e pelo Instituto *Ethos*, em 500 empresas brasileiras. Também há, no mundo dos negócios, outras dificuldades enfrentadas por empresários e empreendedores negros que diminuem suas chances de chegar ao topo: negros tem créditos negados três vezes mais que os brancos, o que di-

ficulta o começo ou a expansão de uma pequena empresa.

Infelizmente, essa realidade, onde o negro é minoria no alto da escala social, está longe de mudar, tendo em vista que, se formos observar as informações quanto à educação, vemos que o percentual de pessoas negras entre a população analfabeta é de 80%, bem como, 64% deles não completaram a educação básica. Ainda, dados indicam que a cada quatro pessoas que completam o ensino superior, apenas uma é negra, o que pode ser explicado por motivos diversos, tendo como o principal, a pobreza, pois, adolescentes oriundos de famílias que passam por dificuldades financeiras geralmente são incentivados a inserir-se no mundo do trabalho mais cedo, deixando os estudos em segundo plano, sendo que, entre os adolescentes que abandonam precocemente os estudos, os jovens negros compõem mais de sessenta e quatro por cento. Fora que, a própria educação pública não oferece um ensino de qualidade, fazendo grande parte dos jovens que a frequentam, também de maioria negra, perderem o interesse.

Outro fator importante a ser observado são as taxas de mortalidade, que são mais altas entre a parte negra da população. Os dados apontam que as vítimas de 23 mil homicídios dos 56 mil que ocorrem anualmente no Brasil são de jovens negros entre quinze e vinte e nove anos de idade sendo que grande parte deles são ocasionados pela própria polícia militar, conforme afirma a especialista independente da ONU sobre minorias, Rita Izsák, que ainda diz que os agentes militares envolvidos nos crimes ficam impunes, “protegidos” muitas vezes por mecanismos como os autos de resistência, que segundo ela são um “resquício da ditadura militar”, usado para justificar e legitimar as mortes de afrodescendentes pelo princípio da autodefesa. É possível, ainda, fazer um paralelo entre essa situação e os versos cantados pelo grupo O Rappa, que dizem “quem segurava com força a chibata, agora usa farda”, uma crítica clara a violência sofrida pelos negros por parte da polícia, onde ele estabelece uma relação com o presente e o passado do povo negro na história do nosso país, quando a violência que sofriam era praticada por seus senhores.

Portanto, por não terem condições de lutar por uma vida melhor e, também, devido a sua baixa renda, os afrodescendentes acabam se amontoando em moradias precárias e, muitas vezes, em situações sub-humanas. Assim, essa má condição de vida, e a pouca possibilidade de melhorá-la, acabam levando vários dos jovens negros a entrarem no mundo da criminalidade, visto que, isso possui ligação direta com a desigualdade, a falta de oportunidades e a marginalização de comunidades, como favelas e periferias, bem como, de quem vive nelas – realidade sofrida por eles todos os dias. Esses fatos podem ajudar a esclarecer dados que mostram a grande diferença entre as raças na população carcerária: 75% deles são negros. Outro fato que explica isso é o resultado de pesquisas que mostram que negros têm mais chances do que brancos, quando condenados, de serem sentenciados a penas de restrição da liberdade do que de receberem penas alternativas, ou seja, são julgados mais rigorosamente do que os brancos, conforme mostra uma pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Analisando a canção de Elza Soares “A Carne”, vemos que ela evidencia nos trechos “a carne mais barata do mercado é a carne negra, que vai de graça pro presídio” essa maior facilidade dos negros obterem penas mais rigorosas, de serem marginalizados e vistos como criminosos.

Contudo, é importante perceber que o preconceito racial não está presente apenas em casos onde o mesmo afeta diretamente pessoas negras, mas também no desrespeito que ocorre com a cultura desse povo, citando como exemplo, a “marginalização” das religiões afrodescendentes, como a umbanda e o candomblé, chamadas pejorativamente de “macumba” por muitas pessoas, e que são tratadas com piadas e brincadeiras. Para entender essa situação, basta perceber que, em filmes de comédia nacional, vê-se com certa frequência cenas que demonstram pessoas “possuídas” por entidades, situações essas que são satirizadas com muita naturalidade nesse meio, o que acaba por reforçar o desrespeito e o estereótipo com essas religiões, tornado cada vez mais normal e natural para nós as vermos como piadas. Além do desrespeito em formas de “brincadeiras”, praticantes dessas religiões também alegam sofrer com intimidações, discursos de ódio e atos de violência, tornando-as o principal alvo de intolerância religiosa no país. Essa discriminação religiosa pela qual passam ocorre igualmente no trabalho, onde geralmente são proibidos de usar roupas e adereços típicos da religião, e, ainda, acontece igualmente por parte da polícia, que ao registrar os crimes cometidos contra eles, tais como queima dos templos e agressões, não os registram como crimes de intolerância religiosa, mas sim como ameaça ou briga de vizinhos, demonstrando a falha na aplicação da lei.

Ademais, é possível observar que as formas de entretenimento que

“

Mesmo depois de abolida a escravidão, negra é a mão de quem faz a limpeza’, que faz referência aos trabalhos exercidos pela população negra após a abolição, que continuaram sendo os mesmos que já faziam antes, porém, agora, eram remunerados. Assim, fica visível que, durante anos, esses fatos foram naturalizados em nossa sociedade e, hoje, os enxergamos como normais, sem entender que isso acontece devido ao legado histórico-cultural de nosso país e que estamos contribuindo com ele.

EXPLÍCITO NO BRASIL

a é a que deveria ser seguida, pois é essa que é retratada de forma predominante e séria nas

são direcionadas à população em geral são constituídas majoritariamente por personagens brancos, fazendo com que não exista representatividade negra nesses meios. Algo que ilustra essa situação é a fala da cantora MC Soffia na música “minha Rapunzel tem *dread*”, quando ela demonstra que não se sente representada pelas formas de entretenimento a ela apresentadas, pois nenhuma delas reflete a sua cultura. Da mesma forma, nas redes televisivas brasileiras existem poucos artistas negros, tanto apresentando programas de televisão, quanto atuando em novelas. Atores negros geralmente assumem o papel de coadjuvantes, sem destaque ou perspectiva na trama, e, se forem analisados também os programas de comédia brasileiros, o que vemos são estereótipos superficiais e sem fundamento da cultura e estilo de vida afrodescendente, que, na maioria das vezes, são personagens interpretados por atores brancos, bronzeados excessivamente com maquiagem para representá-los, juntamente com figurinos exagerados. Dessa forma, isso tudo ajuda a criar a ideia no inconsciente da população de que a cultura branca é a que deveria ser seguida, pois é essa que é retratada de forma predominante e séria nas mídias.

Entretanto, apesar da clara dimensão da desigualdade racial em nosso país, existem pessoas que não acreditam que ela é real, afirmando que negros e brancos são tratados de forma igualitária independente de sua raça e atribuindo a culpa dessas diferenças sociais entre a população a outros fatores, como discriminação de gênero ou

e, também, é alterativo, ou seja, a pessoa não admite nem reconhece o racismo em si, mas o faz no outro.

Portanto, é visível que a discriminação racial existe em nosso país, apesar de estar encoberta na sociedade por anos de naturalização desse preconceito, tanto por parte da sociedade como por parte do nosso governo e instituições públicas que inconscientemente colocam o negro como inferior e, assim sendo, é inegável a necessidade de encontrar meios para combatê-la. O principal meio para começar a desconstruir o racismo na população é a educação, desta forma, o Ministério da Educação deveria incluir na grade curricular brasileira aulas sobre o histórico dos negros no Brasil, que aprofundem o conhecimento sobre a escravidão, mostrando todos os reflexos dela na nossa sociedade atual, para que crianças e adolescentes entendam discutam sobre as desigualdades existentes em seu próprio país e de onde elas se originam. Outro fator importante é a criação de campanhas e projetos que fortaleçam a permanência de jovens negros na escola e que os incentivem a continuar seus estudos após o ensino médio, e também deve-se melhorar a qualidade de ensino oferecida a eles.

Além disso, também é necessário criar projetos que incluam e incentivem os negros nas formas de expressão artística, como música e em novelas, representando de forma séria e não estereotipada sua história e cultura, de forma a não fazer com que a população os veja sempre de modo depreciativo e preconceituoso, além de aumentar a



As mulheres negras levaram suas pautas para a Marcha Mundial de Mulheres, em Florianópolis, dia 2 de agosto.

FOTO: RAFAELA MARTINS

de classe social – essa “crença” é chamada de democracia racial. Essa ideia apareceu pela primeira vez, ainda não com esse nome, na obra *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, publicado em 1933, onde o autor ressaltava a “boa relação” que alguns escravos tinham com seu senhor – pois, desfrutavam de um maior conforto, ocupavam posições de confiança, entre outros – e também usava como argumento que a miscigenação era um indicativo de que as relações entre as três raças presentes no país no período da colonização aconteciam de forma “harmônica”. A obra contrastava com o contexto histórico internacional da época – leis discriminatórias em países como os Estados Unidos e África, e até mesmo teorias científicas que procuravam legitimar o racismo, alegando que a inferioridade dos negros provinha de fatores biológicos –, e, por essa razão, tornou-se um motivo de orgulho nacional para o brasileiro e fez surgir a ideia de que nosso país não é racista. Contudo, conforme afirma a antropóloga Lilian Schwarcz, existem várias formas de racismo e leis segregacionistas são apenas uma delas, de forma que cada país, ao longo de sua história, “constrói” o modelo de discriminação racial que pratica. Em nosso país, ainda segundo ela, o tipo de racismo que se forma é silencioso, pois, apesar dele ser vivenciado por todos, ninguém discute sobre ele,

sensação de representatividade para os negros. Outra forma onde o tema pode ser inserido na arte é dar mais foco à cultura brasileira e em como nosso povo foi formado, em vez de apenas destacar e enaltecer a cultura europeia, seja na questão de vestimentas, costumes e até no padrão de beleza. Igualmente, seria interessante a produção de reportagens em programas televisivos que retratem de forma realista a desigualdade sofrida pelos negros no Brasil, para que dessa maneira a população reconheça que o racismo existe em nossa sociedade e que é um atual problema social.

Sem dúvidas, é imprescindível também que as empresas criem projetos e campanhas que incentivem a população afrodescendente na ocupação de cargos de destaque, além de promoverem a igualdade salarial entre brancos e negros. Uma forma de tornar isso realidade, seria propiciar aos funcionários, principalmente os que trabalham na área de recursos humanos, cuja função é justamente contratar novos trabalhadores, palestras para desmistificar a discriminação racial, com intuito de que os mesmos aprendam a desconstruir as ideias preconcebidas e não decidam, mesmo que inconscientemente, quem é um bom trabalhador e quem não é baseando-se apenas pela cor de sua pele.



UM MUNDO DE MULHERES

Marcha Internacional “Mundos de Mulheres por Direitos” leva pluralidade de vozes e reivindicações para as ruas

TEXTO POR MAGALI MOSER - FOTOS POR RAFAELA MARTINS

Jornalista <magali.moser@gmail.com> e Fotógrafa <rafaelamartins27@gmail.com>

Índias, negras, camponesas, brancas, trans e lésbicas. Todas reunidas. A mistura entre diversidades de cores, vozes, militâncias, vivências e pautas marcou o 13º Congresso Mundos de Mulheres (MM) e o Seminário Fazendo Gênero 11 (FG), entre 30 de julho e 4 de agosto, na capital catarinense. Pela primeira vez na América do Sul, o MM foi sediado em Florianópolis, entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Uma das atrações mais esperadas do encontro foi a Marcha Internacional “Mundos de Mulheres por Direitos”, que aconteceu em 2 de agosto, pelas ruas centrais da ilha, com a participação estimada em dez mil pessoas, de acordo com dados da organização. Ainda que a Polícia Militar tenha confirmado a metade do número, foi o maior protesto organizado pelo movimento feminista no Estado.

A concentração começou no Terminal Integrado do Centro (Ticen) e seguiu pelas ruas centrais até o Mercado Público. Múltiplas vozes entoaram gritos de guerra no entardecer da ilha em defesa dos direitos das mulheres. Entre as pautas do movimento, destacaram-se a demarcação das terras indígenas, as denúncias sobre a violência e os preconceitos de gênero e sexualidade, o feminicídio, o direito ao aborto livre e seguro, e a desigualdade social entre homens e mulheres. Os tambores da banda de mulheres negras e percussionistas Cores de Aidê, de Florianópolis, entoou o movimento.

Para Maria Pia López, ativista e fundadora do movimento “Ni Una a Menos”, este é um encontro de vitalidade e que parece surpreender todas com a combinação entre ativismo cultural e vida acadêmica, ideias culturais e também da aparição do feminismo interseccional. “Eu estava numa das mesas sobre feminismo negro e aparece aí a luta contra o racismo que se articula muito bem ao feminismo contemporâneo. O feminismo tem uma enorme potência e um enorme desafio. Me parece que as mulheres estão demonstrando em todo o mundo uma capacidade de ação democrática”, defende.

Ela complementa que o movimento demonstra estar no primeiro plano da linha das lutas pela democracia na América Latina, contra as mudanças trabalhista, contra as ditaduras e contra as repressões. “Então me parece que o desafio do feminismo é seguir trabalhando para construir um sujeito multidisciplinar capaz de dar conta de todos esses debates das agendas sociais”.

14º CONGRESSO “MUNDOS DE MULHERES” SERÁ EM MOÇAMBIQUE

Moçambique foi convidado a receber o 14º Mundos de Mulheres, daqui a três anos. A ativista Graça Samo, do secretariado internacional da Marcha de Mulheres, foi uma das conferencistas da programação este ano. As moçambicanas Marilú Námoda e Leonilde Lumbela participaram do evento este ano no Brasil. Também trouxeram para a marcha sua contribuição à agenda das mulheres. É o que afirma Marilú, ativista do movimento feminista. “Por que eu vim? Para fortalecer a luta. Para encontrar outras mulheres. Para perceber a diversidade dentro desse movimento de descolonização, para partilhar a nossa experiência também com essa questão. Então, sobretudo isso: para encontrar outras mulheres e fortalecer a luta. É a minha primeira vez no Brasil. E tem assim, um sabor especial estar aqui, porque o Brasil tem uma relação muito forte com Moçambique. Em Moçambique nós também sofremos um golpe. O nosso governo anterior fez um grande roubo. Então o que estou dizendo aqui (com a manifestação da representação em papel da minha boca), é que não vamos pagar as dívidas. Porque eles estão querendo transformar a dívida que contraíram em uma dívida pública. O custo de vida está muito alto. Então, esta é uma das nossas agendas”, conta.

Leonilde Lumbela, ativista de direitos humanos, diz que ela e as companheiras de seu país vieram aprender como o encontro se organiza para replicar em Moçambique.

“Como ativista dos direitos humanos, vim aprender também que novas formas podemos ter para defender os direitos humanos das mulheres. Porque eu trabalho no Fórum Mulher, uma rede de organização que trabalha em prol dos direitos humanos das mulheres em Moçambique. Então, quanto mais experiência pudermos colher para defender os nossos direitos... nós sabemos que Brasil é similar ao nosso país, em termos de perda de direitos que nós já havíamos adquirido. E nós queremos lutar para manter e conseguir mais do que ansiamos. Temos uma lei contra a violência doméstica, mas essa lei não foi aprovada como nós tínhamos proposto. Portanto, foi um ganho sim, mas continuamos a lutar para que possa incorporar mais daquilo que são os nossos objetivos para que a mulheres não sofram mais violência em Moçambique”, explica.



FOTOS: RAFAELA MARTINS

No alto da página, Leonilde Lumbela, ativista dos Movimentos Sociais e dos Direitos Humanos que veio de Moçambique para participar da Marcha Internacional das Mulheres, em Florianópolis. Na sua primeira vez no Brasil, aproveitou para denunciar a situação política econômica do seu país. E se juntou a outras mulheres para defender a igualdade de gênero e o combate ao machismo.

“Queremos chamar a atenção do mundo para a luta cotidiana dos movimentos de mulheres, LGTTTQI, com deficiência, gordas, negros, indígena e feministas. Lutamos contra este sistema patriarcal, racista, capitalista, ultra liberal, fundamentalista religioso, que nos subjugua, oprime, violenta e mata. Nossa luta é pela vida de todas as pessoas oprimidas em todas as partes do mundo”, divulgou a organização do evento. Temas como o feminismo ao redor do mundo, uma perspectiva histórica do movimento e a própria violência contra a mulher estiveram em pauta durante todos os dias do encontro.

A SECULARIZAÇÃO NOSSA DE CADA DIA

Projeto FOCUS, do curso de Publicidade e Propaganda da FURB, aponta que a religiosidade do blumenauense é plural e em flagrante processo de secularização

POR JOSUÉ DE SOUZA

Cientista Social, professor de sociologia e autor do livro *Religião, política e poder: uma leitura a partir de um movimento pentecostal* pela EDIFURB <josuedesouza1@yahoo.com.br>

Nos últimos anos, duas transformações têm ocorrido na esfera religiosa brasileira. A primeira é a expansão do pentecostalismo, a segunda, o declínio da religião católica e das demais chamadas “religiões tradicionais”. As consequências disto são o crescimento da diversidade religiosa e um consequente processo de racionalização da cultura brasileira.

Por mais que, por vezes o senso comum afirmar o contrário, no que cerne à esfera religiosa, o Brasil e os brasileiros estão cada vez mais tolerantes e diversos. Em Blumenau parece que este cenário também é assim. Pelo menos esta realidade foi constatada pelo *Projeto Focus*, do Curso de Publicidade e Propaganda da FURB.

O projeto Focus é um projeto de extensão da Universidade Regional de Blumenau e está integrado ao desenvolvimento e aplicação de teorias da disciplina Pesquisa em Publicidade e Propaganda, coordenado pelas professoras Dra. Cyntia Quadros e Fabrícia Zucco. A ideia é unir teoria e prática para que assim os estudantes possam compreender todas as etapas de desenvolvimento de uma pesquisa. Apesar de ser liderado pelas professoras da Publicidade, a característica deste projeto é que ele envolve docentes e pesquisadores de outros cursos. Este ano contou com professores da Publicidade, do Jornalismo, Matemática, Ciências da Religião, Ciências Sociais e Psicologia. Os resultados gerados também servem de subsídio para publicações científicas, uma vez que possuem procedimentos formais em todas as suas etapas.

PROJETO FOCUS 2017/1

A pesquisa FOCUS 2017/1 teve como objetivo conferir os hábitos e as práticas da população residente em Blumenau sobre o tema Religiosidade e Espiritualidade¹. Para tanto, foram entrevistadas 600 pessoas no período de 08 a 22 maio de 2017.

Segundo dados da pesquisa, a esfera religiosa em Blumenau se apresenta da seguinte forma: 61,3% se declararam Católicos; 15,4% Evangélicos Pentecostal ou Neopentecostal; 14,5% Evangélicos Protestante (ICLB OU IELB); 7,6% Espíritas; 1,0% Testemunhas de Jeová; 0,6% pertencentes a religiões Afro-Brasileiras. Além destas, outras identidades religiosas foram apontadas. Uma diversidade que vai desde Catolicismo Ortodoxo, Judaísmo, Budismo, Bruxaria, Ciência Cristã, Mórmon, Paganismo e outros.

Os dados acima apontam não só para um cenário de diversidade religiosa em que o catolicismo perde monopólio do campo religioso na cidade, como para uma especificidade para quem analisa e acompanha a esfera religiosa. Por conta do nosso processo de colonização, temos aqui um cenário que revela: cerca de 30% dos blumenauenses se declaram evangélicos. Transformando a região em um laboratório perfeito para a análise das relações religiosas.

Estudar e acompanhar a esfera religiosa não é importante apenas para quem estuda religião ou teologia. É importante para que possamos

compreender a sociedade moderna, prova disto é que os três clássicos da Sociologia escreveram sobre a relação religião e sociedade. O sociólogo alemão Max Weber busca mostrar a relação existente entre as ideias religiosas e as suas consequências sobre o processo de mudança social. Para compreender este fenômeno, ele cunhou o conceito de secularização, um processo de perda da influência da religião na vida social.

Entre outros debates, o controverso conceito recebeu uma releitura no interior da sociologia brasileira. No Brasil, o processo de secularização seria produzido pelo aumento da oferta religiosa. Diferentemente dos países europeus, não levou a não crença, mas a uma pluralidade de crenças e a uma variedade de arranjos institucionais religiosos.

Sendo assim, o que os números do *Projeto Focus* nos apontam é que Blumenau está vivendo um flagrante processo de secularização, não só o catolicismo, como qualquer outro grupo consegue manter o monopólio da esfera religiosa. Outro achado da pesquisa que corrobora com essa ideia é que apenas 25,6% dos entrevistados avaliaram que são extremamente envolvidos com sua religião. Enquanto 36,4% são pouco envolvidos; 33,8% nada envolvidos e 18 3,7% não se envolvem.

Quando perguntado se fazem passeios ou viagem religiosas, esta tese fica ainda mais clara, 52% declaram nunca fazer, 60% dizem nunca fazer oferenda ou ofertas, e 57% relatam também que nunca fizeram promessas ou utilizaram adereço ou adorno religioso. Outra resposta surpreendente na pesquisa é o fato de que os entrevistados - 63,5% - declararam não votar em candidatos indicados por instituições religiosas.

Uma vez aceita a tese da eficácia do conceito de secularização da sociedade, é preciso perceber que este processo não acontece, de forma linear ou de forma crescente. Pelo contrário, como é um processo que é orientado pela ações dos indivíduos, o que há em tela é uma multiplicidade de possibilidade de tipos de secularização. Onde o elemento central deste processo é não mais somente o monopólio religioso de um grupo ou tradição religiosa mas um mosaico religioso, que tem como integrante uma diversidade de novos movimentos, desde os mais fundamentalistas, até os que valorizam uma intensa carga emocional.

Debruçar-se sobre a esfera religiosa e suas transformações é uma necessidade para compreendermos as dinâmicas sociais e econômicas em curso na sociedade contemporânea e os dados disponibilizados pelo *Projeto Focus* para a comunidade acadêmica regional é sem dúvida uma das maiores contribuições sobre o tema na região. Com dados e informações que agora podem ser dissecados por especialistas e comunidade em geral.

¹As informações sobre a metodologia da pesquisa pode ser encontrado no site: <http://escaninhonline.blogspot.com.br/>

Para ler mais sobre o assunto:

SELL, Carlos Eduardo. “A secularização como sociologia do moderno: Max Weber, a religião e o Brasil no contexto moderno-global.” *Revista Brasileira de Sociologia-RBS* 3.6 (2015): 11-46.

TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. São Leopoldo: Unisinos, 2010

PIERUCCI, Antonio Flávio. *Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 37, 1998, p.43-73.

“

Por mais que, por vezes o senso comum afirmar o contrário, no que cerne à esfera religiosa, o Brasil e os brasileiros estão cada vez mais tolerantes e diversos. Em Blumenau parece que este cenário também é assim. Pelo menos esta realidade foi constatada pelo projeto FOCUS do Curso de Publicidade e Propaganda da FURB.

93,8%
DOS ENTREVISTADOS*
ACREDITAM EM UM
SER SUPERIOR

84,4%
DOS ENTREVISTADOS
DECLARAM PERTENCER A
UM MOVIMENTO
RELIGIOSO

DESTES,
61,3%
DECLARAM SER
CATÓLICOS

QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A PRESENÇA DE CRUCIFIXOS EM REPARTIÇÕES PÚBLICAS?

	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
FAVORÁVEL	287	47,8%
CONTRA	194	32,3%
NÃO SEI	119	19,8%
TOTAL	600	100%

VOCÊ ACHA QUE O BRASILEIRO RESPEITA TODAS AS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA?

	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	139	23,2%
NÃO	415	69,2%
NÃO SEI DIZER	46	7,7%
TOTAL	600	100%

VOCÊ ACHA QUE O BLUMENAUENSE RESPEITA TODAS AS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA?

	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	234	39,0%
NÃO	287	47,8%
NÃO SEI DIZER	79	13,2%
TOTAL	600	100%

JÁ MUDOU DE RELIGIÃO OU CRENÇA ALGUMA VEZ?

	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	185	30,8%
NÃO	409	68,2%
NÃO SEI DIZER	6	1,0%
TOTAL	600	100%

TEM ADMIRAÇÃO POR ALGUMA PERSONALIDADE OU LÍDER RELIGIOSO?

	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
PAPA FRANCISCO	165	27,5%
NENHUM	150	25,0%
JESUS	93	15,5%
NÃO LEMBRO/NÃO SEI DIZER	51	8,5%
Pe. JOÃO BACHMANN	46	7,7%
PAPA JOÃO PAULO II	43	7,2%
CHICO XAVIER	43	7,2%
GANDHI	41	6,8%
BUDA	33	5,5%
DALAI LAMA	26	4,3%
Pe. FÁBIO DE MELO	25	4,2%
SANTA PAULINA	24	4,0%
Pe. MARCELO ROSSI	22	3,7%
Me. TERESA	21	3,5%
NOSSA SRA. APARECIDA	15	2,5%
MARTIN LUTHER	14	2,33%
Pe. ALESSANDRO CAMPOS	6	1,0%
Pr. VALDEMIRO SANTIAGO	5	0,8%
Pr. SILAS MALAFAIA	5	0,8%
OSHO	5	0,8%
Pr. CLAUDIO DUARTE	4	0,7%
PADRE ZEZINHO	4	0,7%
Pe. REGINALDO MANZOTTI	4	0,7%

DEUS	4	0,7%
PADRE ROBSON	3	0,5%
NOSSA SRA. DE FÁTIMA	3	0,5%
MARTIN LUTHER KING	3	0,5%
BISPO DOM RAFAEL	3	0,5%
ALAN KARDEC	3	0,5%
DOM EVARISTO ARNS	2	0,3%
Pr. ROMILDO SOARES	2	0,3%
MIS. DAVID MIRANDA	2	0,3%
BISPO EDIR MACEDO	2	0,3%
OUTROS* APENAS 1 CITAÇÃO	61	10,2%

*APÓSTOLO DA IGREJA, APÓSTOLO LUIS ARMINO, APÓSTOLO PAULO, AUGUSTOS NICODEMUS, BEZERRA DE MENEZES, BISPO PASCOAL SPENGLER, CALVINO, CANTOR FERNANDINHO, CONFUCIO, DEEPAK CHOPRA, DESATADORA DE NÓS, DIVALDO FRANCO, DIVINO PAI ETERNO, D. ELDER CAMARA, EDUARDO FRANCO, EXU, FREI PASCOAL, GAIKU, GOKU, HERNANDE DIAS LOPES, IRMÃ DIRCE, JOÃO BATISTA, JOSEPH SMITH, MAOMÉ, MARCO FELICIANO, ME. AMMA BHAGUAN, ORIXÁ, OXUM, PE. ANTÔNIO MARIA, PE. ELIO, PE. FABIAN, PE. HEUS, PE. JOSUE, PE. NILO, PE. PAULO RICARDO, PE. ROBERTO, PES. LOCAIS, PAPA PIOX, PR. ANTONIO LEMOS, PR. ANTONIO MARIA, PR. CEZINO BERNARDINO, PR. EDSON MESQUISTA, PR. JORGE LINHARES, PR. JOSE CAMPOS, PR. MARCIO, PRA. MARCIA, PRS. GERAL, PATRICIA MORAES, PAULO JR., PIRIGRAM-CRISTA, RAFAEL ABRANTER, REI ESCANDINAVO, STA. RITA, ST. ANTONIO, ST. ESPÍRITO, SÃO FRANCISCO DE ASSIS, SRI PREM BABA, TAMIGUCHI, VIRGEM MARIA ZILDA ARNS.

Foram entrevistadas um total de 600 pessoas.



FOTO: MAGALI MOSER

MAICON TENFEN... 20 ANOS DE LITERATURA

POR LEO LAPS

Jornalista <leolaps@gmail.com>

- ... e eu sempre quis ser professor.
- Muito bem... e você?
- É que eu gosto muito de estudar literatura.
- Ok. E você, o que te trouxe aqui?
- Estou aqui para ser escritor.

Silêncio.

Todos os olhares dos calouros da turma de 1994 do curso de Letras-Português da Universidade Regional de Blumenau (Furb) se voltaram para o desconhecido de cabelos claros e rosto imberbe que saía do clichê para revelar seu ousado objetivo acadêmico naquela primeira semana de aula.

Maicon Tenfen jura que não lembra se esse diálogo realmente aconteceu. Mas como todo escritor gosta mesmo é de mentir – como o próprio costumava dizer –, podemos começar essa história assim.

De qualquer forma, a resposta do jovem estudante não seria bravata: nascido na pequena Ituporanga nas últimas horas de 1975, Tenfen chegou à maior cidade do Vale do Itajaí trazendo na bagagem uma primeira versão de *Entre a Brisa e a Madrugada*, a vertiginosa e violenta novela que marcaria sua estreia no mundo literário dois anos depois.

Filho de agricultores, o menino que ajudava os pais na lavoura se divertia desde pequeno com histórias em quadrinhos. Mas aos 11 anos, quando passou a estudar em um seminário a alguns quilômetros de casa, descobriu e se apaixonou pela biblioteca, recheada de clássicos adaptados para a juventude.

Do namoro com a literatura logo veio a vontade de escrever. Vontade que aos poucos se tornou uma necessidade.

— Nunca mais parei. Não consigo — confessa.

Passadas duas décadas da primeira impressão de *Entre a Brisa e a Madrugada*,

Tenfen soma outros 17 livros na carreira e centenas de crônicas publicadas em dois dos maiores jornais do Estado: o *Diário Catarinense* (2002 a 2013), sediado em Florianópolis, e o *Jornal de Santa Catarina* (2007 a 2011), de Blumenau. Sua obra mais recente, *Quissama: O Império dos Capoeiras* – primeiro volume de uma trilogia ainda em construção –, figurou entre os 10 finalistas da categoria juvenil do Prêmio Jabuti 2015.

Tal reconhecimento no mais importante prêmio literário do Brasil é merecido estímulo para uma carreira que poderia ter morrido lá por aqueles meados dos anos 1990. Muita gente não sabe, mas nos planos juvenis de Tenfen a sua obra de estreia deveria ser *O Filho do Feliciano*, romance que escreveu ao longo de 1995, quando um crédito estudantil lhe permitiu pedir demissão do ofício de recepcionista do finado Hotel Baviera. Encadernou as páginas e foi até Florianópolis de ônibus para convencer o dono da Editora Lunardelli a apostar no seu talento e publicar o tomo de quase 400 páginas. Mas era muito papel para um estreante, disseram. E Tenfen acabou publicando outros quatro romances até ver *O Filho* impresso, finalmente, no ano 2000.

Assim, por uma mera questão de número de páginas, Tenfen poderia ter desistido dessa história toda de ser escritor. Mas não: logo se voltou para o rascunho guardado de *Entre a Brisa e a Madrugada*. Reescreveu todo o romance, que ficou com menos de 100 páginas, e tirou dinheiro do próprio bolso para imprimir os 300 exemplares vendidos em poucas semanas para colegas, paren-

tes, amigos e outros curiosos.

O pequeno volume trazia erros de editoração e pitorescas figurinhas de cli-part entre um capítulo e outro. A capa foi montada a partir de uma colagem de desenhos dos personagens de um enredo recheado de assassinatos, brigas de galo, estupro e tráfico de drogas. Disfarçado de pulp fiction (como se fosse uma homenagem de fã ao diretor Quentin Tarantino, que em 1994 provocou Tenfen e meio mundo com o famoso filme), o livretinho chamou a atenção de escritores mais experientes da região, como José Endoença Martins, que escreveu um posfácio para a primeira edição de *Entre a Brisa* a convite da editora da Letra Viva, Sandra Heck.

— Maicon teve a primazia de colocar de maneira muito clara o bandido como autor, como escritor. Inovou na temática que se explorava aqui na região e inovou mais ainda na linguagem usada, trazendo muitos neologismos — comenta Endoença, que tempos depois acabou virando (como outras pessoas) personagem em livros de Tenfen.

Vieram então *Um Cadáver na Banheira* (1997) — até hoje um dos romances mais conhecidos do escritor —, *O Segredo da Montanha* (1998) e a coletânea de contos *O Impostor* (1999), que no ano seguinte teria o conto-título transformado em um curta-metragem produzido em Blumenau pelo cineasta Andreas Peter. Ao mesmo tempo em que concluía o mestrado pela UFSC, em 2002, era convidado pelo jornalista Marcos Espíndola para escrever crônicas nas páginas do *Caderno de Verão do Diário Catarinense*. A oportunidade era imperdível, e Maicon garantiu que, apesar de suas origens campestres, era um “especialista em praia”. Tudo mentira, é claro!

A estação mais quente do ano veio e foi embora. Quando o outono chegou, Tenfen já havia conquistado leitores e editores com seu humor sutilmente amargo e a abordagem sempre original dos temas mais leves aos mais polêmicos. Anos depois, passou a escrever de segunda a sexta-feira no *Jornal de Santa Catarina*. Ao longo desses 10 anos como cronista, Tenfen conquistou levas de fãs e, orgulhosamente, detratores. O ex-editor-chefe do Santa, Edgar Gonçalves Jr., que eventualmente previa enxurradas de cartas de leitores indignados (blumenauenses fundamentais, provavelmente) com mais uma impertinência do colunista, resumiu o “efeito Tenfen” no Vale do Itajaí ao prefaciar a coletânea de crônicas *O Homem que Pronominava*, lançada em 2010: “Maicon Tenfen abriu um novo caminho de leitura no Santa. Gostem ou não, riam ou não, concordem ou não, é preciso lê-lo. Hoje, no entanto, ao vislumbrar o abismo entre as opiniões do colunista e o senso comum, admito uma falha em minha previsão: os leitores se acostumaram, sim, a Maicon Tenfen. Mas tenho dúvidas se todos o entenderam.”

De livro em livro, o receio de soar repetitivo fez com que o autor sempre estudasse com obsessão novas maneiras de escrever. Assim, quem lê apenas um ou outro título pode taxá-lo de romancista policial, discípulo do realismo fantástico, cronista polêmico ou ainda autor de livros infanto-juvenis. Tenfen é tudo isso, e nada disso também. Em comum a todas essas facetas reside a capacidade de desenvolver narrativas que empolgam, divertem e envolvem o leitor.

— Maicon tem algo que muitos escritores passam a vida tentando criar: ele consegue fazer com que o leitor queira virar a página, começar o próximo capítulo. Desde muito novo ele tem essa capacidade essencial para um escritor ter sucesso, e ao longo dos anos ele desenvolveu ainda mais esse talento — elogia a professora Maria José Ribeiro, que hoje é colega de Tenfen no curso de Letras da Furb.

Ex-aluna do professor Tenfen, a atriz Giovanna Morastoni leu quase todos os livros publicados pelo escritor, até mesmo o ensaio *Breve Estudo Sobre o Foco Narrativo*, um trecho da tese de doutorado defendida pelo escritor em 2006, também pela UFSC. Para ela, a descrição realista e meticulosa de cada personagem é uma das grandes qualidades dos romances de Tenfen, além da constante referência ao ato de escrever:

— Eu gosto da maneira como ele descreve personagens tão reais e vivos, e de

“

De livro em livro, o receio de soar repetitivo fez com que o autor sempre estudasse com obsessão novas maneiras de escrever. Assim, quem lê apenas um ou outro título pode taxá-lo de romancista policial, discípulo do realismo fantástico, cronista polêmico ou ainda autor de livros infanto-juvenis.

como ele sempre joga com o fato de ser escritor e estar escrevendo. Ele consegue criar um perigo real em seus livros – avalia.

O perigo e a violência são, de fato, recorrentes na obra de Tenfen. Mas alguns títulos e contos fogem da regra e acabaram ganhando espaço nas aulas de literatura de várias escolas da região e até do Estado. Assim, a cada ano muitas crianças e adolescentes são apresentados ao mundo dos livros através das palavras de Maicon:

— Até ler Sobre a Arte de Voar (conto que integra o livro O Impostor) para um trabalho de Literatura na escola, eu odiava livros — lembra a hoje estudante de Jornalismo Jeorgea Waltrick, de Rio do Sul.

— Eu estava na quarta série e descobri os livros dele ao fazer uma tarefa na biblioteca da escola. Foi quando percebi que gostava de ler — conta Sávio Kanova, sócio da única banca de revistas de Blumenau.

Entre tantas crônicas, contos e romances publicados, Tenfen também acabou seguindo a vocação citada pela maioria dos colegas de Letras naquela manhã de 1994. Assim que se formou, começou a dar aulas em cursinhos de pré-vestibular. E a partir de 2003, após concluir o mestrado, começou a dar aulas na Furb, onde atualmente também dirige a editora universitária (Edifurb) e produz a repaginada Revista de Divulgação Cultural (RDC).

Ser professor era um caminho natural:

– Sempre entendi que um escritor, no Brasil, raramente vive apenas da sua produção literária. A escolha do curso foi simples: peguei aquele que mais se aproximava da literatura – relembra o escritor, que cogitou fazer Jornalismo na Univali, em Itajaí.

O fim do ciclo como cronista nos jornais foi uma decisão movida, também, por essa grande paixão pela literatura. Tenfen queria voltar a se dedicar plenamente aos romances e contos. Só que, inquieto como de costume, logo começou a se envolver em projetos que ultrapassavam os limites da caixa de texto. Ainda em 2012, apresentou ao ilustrador e produtor de filmes de animação Rubens Belli, do Belli Studio, uma proposta para criar uma série de animação baseada no romance Quissama (na época uma obra ainda inédita). Os dois fi-

caram amigos e, em 2016, Tenfen foi convidado para ser supervisor e roteirista da série de animação Boris e Rufus, que está prestes a ser exibida pelo canal Disney XD para toda a América Latina. Tem adorado a nova experiência, e espera continuar por muito tempo inventando histórias para as telinhas.

Também resolveu entrar na onda do YouTube e lançou um canal para discutir e divulgar autores e livros, o Literatus TV. Queria fazer parte daquele nicho onde via o interesse pelos livros crescer como nunca. O programa foi exibido ao longo de 2015 no canal público NBR TV.

O universo nerd dos jogos de tabuleiro também entrou no currículo do escritor graças ao colega de Furb Ricardo Spinelli, que desenvolveu o boardgame Quissama junto com Rubens Belli. Concretizado através de um financiamento coletivo muito bem-sucedido (que obteve o dobro do valor almejado), o jogo é mais um dos criativos desdobramentos da obra de Tenfen. E vem mais por aí: Quissama deve virar uma série de animação produzida pelo Belli Studio.

Enquanto isso, de volta ao bom e velho papel, Maicon se prepara para lançar o segundo volume de Quissama, que transporta os personagens da saga para a Guerra do Paraguai. Mas ele já começou o ano com surpresas: em fevereiro, lançou seu primeiro livro infantil, O Filho do Capitão Trovão, ilustrado pelo artista Laurent Cardon.

No mundo digital, Maicon acaba de estreiar a coluna O Leitor no site da Veja, da Editora Abril. Nela, pretende usar a literatura para falar sobre temas diversos. Seguindo uma quase tradição, já começou provocando a ira de muita gente ao falar de uma suposta igreja fundada pelo escritor brasileiro Newton Cannito, a Deus É Humor. Imediatamente, o link se tornou um dos mais acessados e comentados do site. É Tenfen aumentando sua legião de fãs e detratores, agora em escala nacional.

Vinte anos depois de estreiar Entre a Brisa e a Madrugada, Maicon Tenfen segue inspirado e produtivo em uma carreira que exige resiliência, onde o reconhecimento demora para vir – quando vem. Busca o seu lugar no competitivo mercado editorial com perseverança, mas sem ansiedade. Cada novo livro segue sendo um desafio cheio de incertezas. Mas a imaginação e criatividade de Tenfen seguem dando conta do recado.

MINHA PASSAGEM PELA FURB

As memórias de quem viveu a consolidação do curso de Ciências Sociais da FURB, que comemora 30 anos de existência

POR SUZANA SEDREZ

Pedagoga com mestrado em Ciências Sociais e Doutorado em Educação. Professora aposentada pela FURB* < suzanasedrez@gmail.com >

Aproveito este espaço para deixar minha versão de parte da história do curso de Ciências Sociais da FURB, sobretudo porque operou desafios pessoais neste meu percurso acadêmico e em contínua transformação. Entre a dúvida do “falo o que devo calar ou calo o que devo falar”..., opto por escrever informalmente, sob a ótica dos esquecidos pela versão oficial, pois muitos dos que lutaram pelo curso e por uma Universidade Urgente precisam ser lembrados.

Difícil dissociar estes dois movimentos. Eles se deram concomitantemente. Eram organizados e praticados pelas lideranças do curso de Ciências Sociais, que foram agregando e ampliando simpatizantes e lideranças de outras áreas do conhecimento para a luta por uma Universidade de fato. Tais movimentos tomaram proporções na redefinição da composição de forças daquela conjuntura institucional, instaurando novas relações de poder desde então, inclusive com a consolidação do SINSEPES e disputas para concorrer à Reitoria.

Nesse processo, tenho memória de passagens magníficas de muito aprendizado coletivo que superam, de longe, as tragicomédias vividas e todos os tapetes puxados de meus pés, enquanto dirigia o curso com muita garra e ingenuidade institucional por três gestões consecutivas.

Só compreendi a dimensão pessoal do que vivi quando, ao encontrar colegas professores de outros cursos, muitos anos depois, me disseram com certa admiração que minha trajetória na FURB foi muito digna. O conceito dessa palavra me pegou pelo peso que sabia existir, mas que estava recalcado para resistir ao jogo de poder do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CEPE), gestores, professores, secretárias e diretores de centro “territorialistas”.

Um jogo de forças que expressava conceitos e visões de mundos muito distintos e que podem ser traduzidas como escolhas democratizantes em contraposição aos centralismos hierarquizantes, muito próprios da lógica dominante, do que está estabelecido nas instituições.

Todo o percurso foi uma luta. Como é a vida dos que lutam muito pelo que acreditam e, também, para ter o que precisam. Dos que não herdam nada dos céus. Mas que, na lida do dia-a-dia, podem experimentar teoria e prática e sofrer as dores e as delícias do que planta nessa vida por que compreende profundamente o sentido da inclusão social.

Enfim, confortavelmente, do alto da minha aposentadoria, posso agora lembrar minha caminhada para registrar o que foi o embate para que o curso seguisse e que os sonhos dos estudantes pudessem ter destino. Alguém que escolhe fazer este curso é um abnegado. Um idealista. Um ser amoroso para com o social. Isto precisa ser ressaltado nesse mundo cada vez mais rentista.

Com eles, fizemos reformas curriculares (no plural), encaminhamos seus artigos aos jornais, confeccionamos cartilhas, panfletos - os primeiros da FURB, antes que fossem institucionalizados -, e fomos alegres e faceiros aos cursos pré-vestibulares locais para encantar os 20% a 30% de entusiastas que conseguíamos “sequestrar” para sustentar nosso projeto de vida. Depois essa prática se tornou oficial, e a FURB passou a receber com pompa estudantes interessados em conhecer seus cursos.

O desafio maior foi a implantação da primeira reforma da matriz curricular (para todos os semestres), discutido no CEPE, quando os estudantes, do lado de fora, com sua postura corajosa, garantiram a aprovação. Outra feita: resistimos para que o curso não fosse transferido ao Centro de Ciências Jurídicas. Seu fechamento chegou a ser cogitado pelo Conselho de Centro, através de uma fusão que criaria um genérico de “humanidades”. Mas o curso de Ciências Sociais e nós sobrevivemos a tudo isso.

O aparato de divulgação desacreditava no curso e, para ter espaço no jornal da casa, fazíamos pesquisas para validar nossa capacidade de atuação, divulgando as potencialidades do curso a partir de trabalho voluntário de alguns dos professores mais engajados. Com eles, viabilizamos encontros e conferências interinstitucionais e lançamos até um curso de pós-graduação com a promessa de gratuidade, mas, infelizmente, os envolvidos tiveram que pagar a conta mais tarde.

Tecemos, sobretudo, gloriosas parcerias com professores de Comunicação Social, que resultaram no logotipo do nosso curso e em vídeos promocionais, não só da formação em Ciências Sociais, mas também de projetos realizados em algumas escolas públicas municipais e estaduais. Algumas vitórias foram narradas também em vídeo pelos mais aguerridos, e houve todo um aprendizado em gestão coletiva do curso, que se desdobrava nas licenciaturas praticadas em estágios que foram realmente memoráveis, a partir do princípio pedagógico construído e vivido na prática: quem participa se compromete.

Aquela gente, crítica, linda, jovem, inteligente, atuando e fazendo a diferença nas escolas era só orgulho para a educação sem fronteiras da cidade de Blumenau. (E pensar que o “moderno”, na atual conjuntura, incita para a Escola sem Partido!). Vivemos experiências de autogestão e gestão coletiva em que havia o exercício e o aprendizado de relações sociais mais solidárias e cooperativas, cheias de criatividade e movimento de vida comunitária.

Enfim, a história é movimento e a luta continua com esses camaradas que estão por aí, na região e no País, multiplicando seus saberes, práticas solidárias e ensinando a ler as realidades sociais. Outros fizeram seus mestrados, doutorados, e mostraram a importância desse curso na construção de uma sociedade e de uma Universidade mais democráticas.

Partilho minha saga, que trouxe muitas conquistas saboreadas pelos oficialmente “esquecidos”. Hoje, o curso tem toda uma estrutura física e arcabouço teórico que permitem aos novos continuarem seus estudos e suas lutas em prol da dignidade e da sustentabilidade da vida de todos no planeta.

“Gracias a la vida que me ha dado tanto” ... E como que por encanto, um dos lados invisíveis dessa história narra seus muitos ganhos, com a certeza de que fiz o que pude e o que estava ao meu alcance, junto com meus colegas da época, para que o curso fosse aperfeiçoado e, também, para que não acabasse.

Este ano, Ciências Sociais comemora 30 anos de existência na FURB. Parabéns e vida longa ao curso!

*A autora coordenou o curso de Ciências Sociais da FURB de 1991 a 1998. Acumulou na primeira gestão também a Chefia de Departamento

“ACORDA, BRASIL DOMINHOCO”

Em passagem por Santa Catarina, Elza Soares demonstra todo seu ativismo e resistência aos 80 anos de idade

POR MAGALI MOSER

Jornalista < magali.moser@gmail.com >

Os primeiros fãs chegaram por volta de três horas antes do horário marcado para o início do show no hall do Centro de Cultura e Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no domingo, 20 de agosto. Talvez, eles representem a diversidade de perfis e faixas etárias dos admiradores da obra de Elza Soares. Bebeth, como se identificou para mim com forte sotaque sul-rio-grandense, uma simpática senhora de 64 anos, professora aposentada de Engenharia Elétrica da UFSC, trazia em mãos um suplemento especial com uma reportagem sobre Elza Soares e estava em busca de um autógrafo. E o fotógrafo Bruno, que conheceu a cantora aos 11 anos, quando Elza participou da cerimônia de abertura dos Jogos Panamericanos Rio 2007. Dali em diante, virara seu fã. Ele saiu de Balneário Camboriú exclusivamente para o show e carregava três CD's da cantora brasileira do milênio, de quem esperava ao menos o registro em uma *selfie*. O burburinho era de que Elza chegaria às 18h pela rampa lateral, oposta ao acesso principal. Sabendo disso, deslocaram-se para lá, agoniados para a verem de perto. Cercaram Padilha, o segurança, que não perdeu a paciência com a ansiedade e a quantidade de perguntas.

Lá, embaixo aguardavam mais três fãs de Elza. Duas delas exibiam estilo de corte de cabelo Black Power, semelhante ao da cantora, numa nítida demonstração de filiação e muita admiração. As garotas, estudantes da UFSC, não pareciam ter mais de 20 anos e surpreenderam a fã sexagenária que acompanhava a espera: “Convidei meu filho de 30 anos para vir ao show e ele não quis. Eu pensei que Elza atraísse só gente da minha geração. Ela vai ficar feliz em saber que tem jovens aqui também”, celebrava Bebeth durante a espera. Minutos depois, por volta das 18h40min, um carro preto encostou próximo à rampa. Saíram dele quatro homens. Por fim, Elza apareceu. Quando ela desceu do automóvel, não chovia. O termômetro marcava 19°C mas soprava um vento com força, deixando a sensação de uma temperatura ainda mais baixa.

Uma das fãs com Black Power começou a chorar de forma compulsiva, parecendo não acreditar estar diante de sua inspiradora. O produtor de Elza pediu para que aguardassem. Primeiro, recolheu os papéis e CD's trazidos pelos fãs para serem autografados a fim de levá-los até a cantora e fazer a intermediação. Sem papel àquele momento, a moça que se emocionou com a chegada de Elza fez o ato de alteridade ao entregar-lhe o próprio documento de Registro Geral (RG) para ser autografado. Naquele momento, a jovem mistura a própria identidade, pois o desejo pela marca da ídola no documento pessoal parece constituir um ato de assumir uma influência, efeito gerado pela cantora sobre seus fãs. Como a chegada dos músicos

Elsa recebeu a imprensa no seu camarim, após o show que durou cerca de uma hora, no centro de eventos da UFSC

FOTO: BRUNO OLIVEIRA



sofreu um atraso e Elza ainda precisava testar o som, a promessa era de que ela receberia fãs e imprensa ao final, no camarim. E foi assim que ocorreu, quando a cantora distribuiu beijos de batom no lugar de autógrafos.

Antes da cantora entrar no palco, a plateia entoou o coro uníssono: Fora Temer! Fora Temer! As palavras de ordem foram ouvidas também durante o show, quando Elza comentou: “A voz do povo é a voz de Deus”. O espetáculo abriu com a música que dá título ao álbum *A mulher do fim do mundo*, disco lançado em 2015, 34º de sua carreira e o primeiro só com músicas inéditas. Foi em torno de uma hora e meia de apresentação. Em vários momentos, especialmente entre uma música e outra, vozes da plateia gritavam “divaaaa”, “mara-

vilhosaaa”, “eu te amooo”, e a cantora retribuía com “obrigadaaa” ou então “eu te amo também”, numa interação direta com o público. Sem citar nomes da esfera política uma única vez, Elza Soares também fez do show um momento de reflexão sobre o futuro do Brasil. Repetiu por várias vezes a frase: “Acorda, Brasil dorminhoco”. E parece, de fato, “ensinar” a plateia a soltar o grito preso na garganta, lutar e resistir contra as injustiças sociais, intolerâncias e preconceitos.

Aos 80 anos, Elza demonstra força e energia ilimitadas. A disposição não finda para fazer da carreira um manifesto contra violências de todo o tipo. “A mulher só pode gemer se for de prazer”, disse após a canção “A mulher da Vila Matilde”, que denuncia a violência doméstica. Recebeu o Portal Catarinas e jornalistas para uma conversa breve e com raciocínio rápido de quem pensa sobre tudo o que faz ou como se soubesse das perguntas de antemão. Mas, como ela própria disse ao final “eu já disse tudo o que tinha para dizer”. Nós sabemos que sim, Elza. Mas, no atual contexto, é preciso repetir.

ENTREVISTADORES/AS – Você é um ícone pra muitas gerações. Por que você acha que as novas gerações ainda se conectam tanto contigo?

ELZA SOARES – Porque eles entendem o que eu falo. Precisava de alguém que falasse a mesma linguagem. E eu acho que a minha linguagem vai direitinho onde eles querem.

O que é cantar pra ti?

ELZA – Cantar pra mim é o combustível da alma. É como se fosse a medicina da dor. Eu me sinto muito bem cantando.

O que você tem escutado?

ELZA – Eu continuo ouvindo Chet Baker que é a minha paixão. Às vezes escuto Ella Fitzgerald, porque há alguns anos atrás eu fiz um trabalho pra ela. Ficamos amigas. Eu ... escuto música brasileira, mas tem que estar escolhendo, escolhendo, escolhendo, escolhendo. Tem muita gente boa por aí, lógico, muita gente nova por aí, mas precisa botar na praça.

Você não titubeia quando o assunto é misturar ritmos. Tinha distorção, tinha punk, tinha rap...

ELZA – Tem tudo. Eu acho que o que você quer cantar, tem que cantar. Você não tem que ser marmelada o tempo todo. Seja goiabada um bocadinho.

Por que fazer da música um ato político?

ELZA – Não é tão político assim, não. Eu gostaria que fosse mais. Mas como a gente... no Brasil um momento tão fechado... tão... tão... Você não sabe pra onde a gente vai. Então, tem que tomar muito cuidado com política. Falar pouco, ou não falar nada. E cantar, que aí ninguém pode me proibir de cantar... Não mexo com ninguém. A voz do povo é que é maravilhosa. Acorda o Brasil que tá dorminhoco, né?

Qual é a sua avaliação sobre o momento político por que o Brasil passa?

ELZA – Péssimo. A gente tá num momento péssimo, a gente não sabe pra onde vai.

E qual é o papel da música diante disso?

ELZA – É o que eu fiz hoje no palco.

Quando é que você se descobriu feminista?

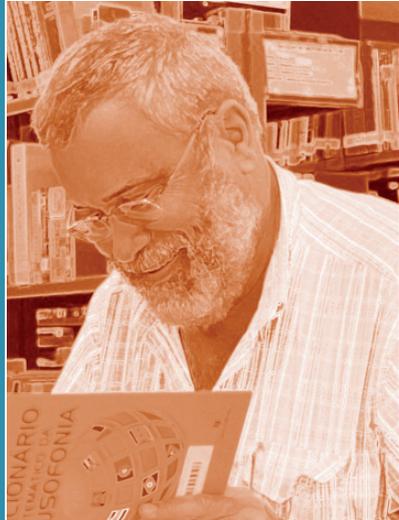
ELZA – Logo que eu comecei a cantar. Eu acho que eu já nasci com este dom, com esta... nem sei o que é. Mas, já nasci marcada pra ser essa mulher guerreira e falar desses problemas tão sérios. Falar da mulher, brigar pela mulher. Hoje em dia a gente continua brigando depois de tantos anos. Eu acho que já tinha tempo de acabar isso tudo.

E com relação à mulher negra?

ELZA – Tá aí (o racismo). Qualquer lugar que você passar o espanador, ele tá presente. É uma poeira suja. E a gente tem que combater. Tem que falar sempre, até cansar.

E qual é o seu próximo projeto?

ELZA – Tenho um que tá na praça, que é “Na pele”, com a Piti, não sei se você já viu. É muito bonito. É um single. Eu convidei a Piti pra gravar comigo, ela fez a música pra eu cantar. Aí eu convidei que ela viesse cantar comigo a música *Na Pele*. Ficou muito bonito. E o próximo é “A mulher do fim do mundo” como um programa. A gente tem que pensar muito, porque agora fazer outro projeto em cima da mulher do fim do mundo vai ser bem pensado. A mulher do fim do mundo dá muito caldo ainda. Nós ainda temos muito caminho pra correr.



TRIUNVIRATO

IMPÉRIO QUER TOTAL DOMINAÇÃO

Desde a II Guerra Mundial, os Estados Unidos não têm paz nem costumam fomentá-la, pelo contrário. Alegando resistir ao avanço do comunismo, ou invocando a defesa da democracia e dos direitos humanos, o comportamento agressivo é uma constante: lideram guerras apoiados por países sob sua influência, promovem golpes de Estado ou atentados terroristas, disseminam a violência e por todo o mundo desestabilizam países que resistem ao seu imperialismo.

Assim, no âmbito das tensões com a União Soviética (URSS) e a China, naquilo que se convencionou chamar de “Guerra Fria” – iniciada em 1948 e terminada em 1991, com o desaparecimento da URSS –, envolveram-se diretamente em guerras de grande intensidade. Citamos dois grandes conflitos, quer pela extraordinária violência, quer pela importância na demarcação dos limites do sistema bipolar então existente. Depois da horrenda ocupação japonesa, de 1910 até o final da II Guerra Mundial, a Coreia foi dividida em duas partes seguindo a linha do paralelo 38, a norte sob influência soviética, a sul estadunidense. A Guerra da Coreia (1950-1953), marcada por tentativas de unificação por via militar, primeiro com origem no Norte, em seguida no

Sul, cessou sem que as condições geopolíticas se alterassem substancialmente. Em 27 de julho de 1953, depois de complexas e demoradas negociações, entrou em vigor um armistício que, a despeito da permanente tensão e das intermitentes animosidades, mantém-se até hoje, sem que se tenha chegado a firmar um Tratado de Paz.

Entre as consequências, 2,5 milhões de civis foram mortos ou feridos. Entre os militares, morreram quase 200 mil sul-coreanos e estadunidenses, e 750 mil norte-coreanos e chineses.

Atualmente, passados 64 anos, os governos dos Estados Unidos e da Coreia do Norte trocam ameaças. O presidente Donald Trump promete que este país “*vai se encontrar com uma fúria e um fogo jamais visto no mundo*” caso siga com sua retórica belicista. Neste clima de crescente tensão, aproveita para instalar um sistema de mísseis na Coreia do Sul, mesmo contra a vontade da população sul-coreana, e sob a advertência do presidente deste país, Moon Jae-in, de que uma guerra na região só poderá começar com a anuência da Coreia do Sul. Contudo, suas forças armadas treinam em manobras militares na fronteira. Por sua vez, o presidente norte-coreano, Kim Jong-un, enquanto investe no aperfeiçoamento de tecnologia militar própria, lança avisos ameaçadores ao Japão, aos Estados Unidos e aos sul-coreanos. É preciso ter ciência de que, apesar das amplas disparidades existentes entre os antagonistas, ambos invocam mísseis balísticos e armas atômicas.

Igualmente fruto do conflito comunismo-capitalismo, No Vietnã, a guerra estendeu-se de 1955 a 1975, com maciço esforço militar dos Estados Unidos entre 1965 e 1973. Os bombardeios aéreos sobre o Vietnã do Norte excederam a tonelagem de bombas que haviam sido lançadas sobre a Alemanha, durante a II Guerra Mundial. As bombas de gel de napalm queimavam as pessoas vivas. O uso de armas químicas por parte dos Estados Unidos sobre campos e florestas do Vietnã, como o desfolhante agente laranja, para facilitar a localização de inimigos e destruir fontes de

alimentos, provocou malformações em crianças das gerações seguintes, bem como enorme impacto nocivo sobre a natureza (solo, vegetação e fauna), fenômenos que ainda se fazem sentir. O número de falecidos entre as populações dos países asiáticos diretamente impactados não é definido. De 2 a 4 milhões de vietnamitas perderam a vida (mais de 1 milhão militares); entre 240 a 300 mil cambojanos e 20 a 62 mil laosianos também foram mortos. Ainda se incluem 1446 chineses e 16 soviéticos. Aos que se lhes soma os milhões de feridos, os portadores de sequelas físicas e psicológicas, a enorme destruição das infra-estruturas provocadas pela guerra. Ao final da mesma, os Estados Unidos contavam 58.220 militares mortos, 1.687 desaparecidos e 303.635 feridos. Tratou-se de uma derrota traumática, que deixou profundas sequelas psicossociais e importantes consequências políticas, tanto interna quanto externamente. O aliado Vietnã do Sul foi anexado ao Vietnã do Norte, compondo a atual República Socialista do Vietnã, e governos comunistas se instalaram no Camboja e no Laos no mesmo ano. Dentre os países aliados dos Estados Unidos, as baixas atingiram 5 mil sul-coreanos, 521 australianos, 37 neozelandeses.

O intervencionismo mundial estadunidense é evidenciado por autores que estudam a política mundial e entidades de direitos humanos. Norman Lowe¹ reuniu citações de livros e documentos públicos, dos quais citamos três:

“de 1945 até o final do século, os Estados Unidos tentaram derrubar mais de 40 governos estrangeiros e esmagar mais de 30 movimentos populista-nacionalistas que lutavam contra regimes intoleráveis. Neste processo, o país provocou o fim da vida para muitas pessoas e condenou milhões mais a uma vida de agonia e desespero.”

Rogue State (Estado desonesto), de William Blum.

“Em todo o mundo, em um dia qualquer, um homem, uma mulher ou uma criança tem probabilidade de ser expulso de sua casa, torturado, morto ou de ‘desaparecer’ nas mãos de governos ou grupos políticos armados. Na maioria dos casos, os Estados Unidos tem parte da culpa”

Declaração da Anistia Internacional, em 1996.

“[...] as políticas externas dos Estados Unidos devem assumir grande parte da responsabilidade pelo aumento do terrorismo, já que os ‘Estados Unidos parecem totalmente determinados a garantir que o mundo inteiro esteja aberto a seu acesso irrestrito e que qualquer forma alternativa de sociedade seja considerada estritamente contra as normas”

Terrorism: The New World War [Terrorismo: a Nova Guerra Mundial], de Lloyd Pettiford e David Harding.

Frente às guerras e suas consequências, as do passado, as do presente, e as perspectivas futuras, podemos extrair ilações. Estamos avisados que o mundo deve se submeter aos designios do grande império e entregar-se às suas necessidades de explorar as riquezas de todo e qualquer país do Planeta, por bem ou por mal. Os acontecimentos no Afeganistão (onde a ocupação já leva 16 anos, e Trump acaba de anunciar a escalada do conflito), no Iraque, na Líbia, na Síria, etc., assim como as ameaças de intervenção armada na Coreia do Norte e na Venezuela, para “promover a democracia”, mostram que há povos que sabem o que é hipocrisia, e tratam de se defender.

¹ LOWE, Norman. História do Mundo Contemporâneo. 4ª ed. Porto Alegre: Penso, 2011. 656 p. Citações nas páginas 286-7

CURTAS

SIMPÓSIO ABORDA DOENÇA DE ALZHEIMER

A Associação Brasileira de Alzheimer, sub-regional Florianópolis, irá realizar o XVI Simpósio sobre a Doença de Alzheimer no dia 12 de setembro, em alusão ao dia mundial da doença, 21 de setembro. O evento científico visa capacitar e atualizar profissionais, acadêmicos e familiares sobre a doença de Alzheimer, formas de tratamento e cuidado. O Simpósio ocorre no auditório da pós-graduação, bloco H do Centro de Ciências da Saúde (CCS). Na UFSC, o evento é organizado pelo departamento de Enfermagem (CCS) e Hospital Universitário, através do grupo de ajuda mútua a familiares e cuidadores de pessoas com Alzheimer. Mais informações pelo telefone (48) 3721-3437.

PALESTRA GRATUITA NA FURB

Em 14 de setembro corre a palestra gratuita "O que é Mindfulness?", evento organizado por SimplesAção e Eu Mindful. Será das 19h às 20h30min, com a psicóloga e instrutora de mindfulness, Mariana Azevedo, no auditório do Bloco J, no Campus 1 da FURB.

O termo mindfulness, ou Atenção Plena, é um protocolo clínico que oferece vários benefícios, como o aumento da capacidade de concentração, percepção, foco e criatividade, desenvolve a habilidade de autorregulação das emoções e dos pensamentos, gerando novas formas de lidar com situações desafiadoras, além do aumento da consciência corporal, redução da ruminação interior e redução do estresse.

Pede-se a colaboração voluntária para a doação de 1kg de ração canina e felina para abrigo de animais. As vagas são limitadas, e as inscrições e informações são através do e-mail contato@eumindful.com

FESTIVAL DE MÚSICA SERÁ NESTE MÊS

O 4º Festival de Música da UFSC ocorre nos dias 25, 26 e 27 de setembro de 2017, no Centro de Cultura e Eventos, no Campus da UFSC, em Florianópolis. Promovido pela Secretaria de Cultura e Arte (SeCArte), o Festival busca incentivar e intensificar a criatividade musical, promover a integração e troca de experiências entre músicos, compositores, intérpretes e comunidade cultural. Além disso, o evento incentiva o interesse pela música e o exercício intelectual desta atividade, difundindo a música como um dos meios essenciais de expressão cultural.

O Festival conta com a participação de músicos da comunidade universitária da UFSC (Campi de Florianópolis, Joinville, Araranguá, Curitiba e Blumenau), e aberta para músicos, compositores, intérpretes e comunidade da Grande Florianópolis. Para mais informações, envie e-mail para festivaldemusica@contato.ufsc.br e acompanhe o evento em www.facebook.com/events/354667161638409



CUT INICIA CAMPANHA PARA ANULAR REFORMA TRABALHISTA

A Central Única dos Trabalhadores, a CUT, lança a campanha "Ação Nacional pela Anulação da Reforma Trabalhista", que precisará arrecadar 1,3 milhão de assinaturas para apresentar ao parlamento um Projeto de Lei de Iniciativa Popular (Plip). Iniciada em 7 de setembro, no dia do Grito dos Excluídos, que desde 1994 propõe manifestações com algum tema voltado ao combate às injustiças e desigualdades sociais, a ação é primeiro passo da agenda de lutas contra as reformas Trabalhista e Previdenciária e contra a entrega das empresas públicas, definida durante o terceiro dia do Congresso Extraordinário, no último dia 30 de agosto. A CUT disponibiliza um kit de coleta de assinaturas contendo o texto do projeto de lei, formulário e uma cartilha sobre os prejuízos da reforma, disponíveis no portal anulareforma.cut.org.br

A reforma trabalhista proposta pelo governo de Michel Temer (PLC 38/2017) foi aprovada no Senado por 50 votos favoráveis, 26 contrários e uma abstenção. A matéria foi sancionada no dia 13 de julho como Lei 13.467/2017 e entra em vigor a partir do dia 11 de novembro de 2017. Após conseguir o número mínimo de assinaturas, o texto é enviado e protocolado à Câmara Federal e tem a validade igual a qualquer outro projeto de lei no Congresso Nacional, com votações dos deputados e dos senadores.

Além disso, na agenda definida, conta que em 14 de setembro a CUT também colabora na organização de um dia nacional de lutas, junto ao movimento Brasil Metalúrgico em defesa dos empregos na indústria e das estatais. A manifestação tem a adesão da Federação Nacional dos Urbanitários.

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) é uma organização sindical brasileira de massas, em nível máximo, de caráter classista, autônomo e democrático, cujo compromisso é a defesa dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora.

MIPE APRESENTA CERCA DE 500 TRABALHOS NESTE MÊS

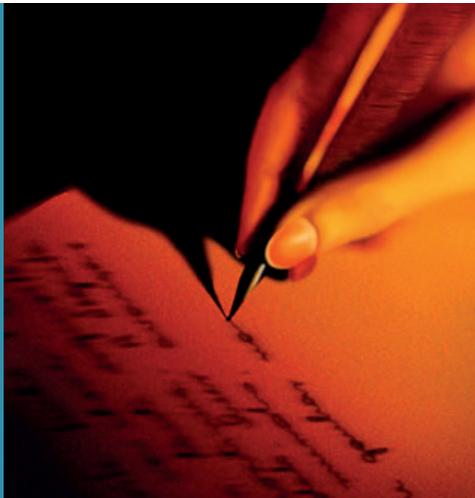
Em 20 a 22 de setembro de 2017, ocorre a 11ª Mostra Integrada de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura - MIPE, promovida pela Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB, por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura - PROPEX em conjunto com a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, Ensino Médio e Profissionalizante - PROEN, no câmpus 1 da FURB. É esperada a apresentação de cerca de 500 trabalhos no evento. Segundo a programação, o evento se inicia às 9h do dia 20, quarta-feira, com a Solenidade de Abertura no Auditório do Bloco J, Campus 1 da FURB. Em seguida, às 10h, no mesmo local, ocorre a palestra "Diferenças e Desigualdades: Caminhos da Educação", com o Doutor Marcos Antonio Cunha Torres (UEG/FORPROEX). A primeira sessão e avaliação de painéis será das 14h às 15h30. No mesmo dia, às 16h o evento ainda conta com o ensaio aberto do Grupo Teatral Phoenix, da peça "Duas Famílias Rivais", com direção e coordenação do professor Victor Hugo C. Oliveira, no Salão Angelim, Biblioteca Universitária. E às 18h, com apresentação da Orquestra da FURB, com coordenação do prof. Roberto F. Rossbach e regência pelos professores Roberto F. Rossbach e Luiz Lenzi. No dia 21, quinta-feira, entre as sessões de painéis, o evento conta com as apresentações culturais dos grupos de Danças da FURB, às 18h30min, com a coordenação geral do professor Marco A. C. Souza (Urbanas - Coreografia: Bruna Hank; Salão - Coreografia: Abner Cypriano; Contemporâneas - Coreografia: Stanley Carvalho), e, às 19h, apresentação do Coro da FURB, com a coordenação e regência do professor Eusébio Kohler, ambas no Salão Angelim.

A Mostra tem como objetivo dar foco e expandir o Ensino, a Pesquisa, a Extensão e a Cultura da Universidade, pois são atividades consolidadas na FURB. Para isso, é necessária a qualificação do docente em nível de doutorado e pós-doutorado, concessão de bolsas de iniciação científica, de extensão e de cultura ou do aporte de recursos financeiros para viabilizar a execução dos projetos. Assim, a MIPE insere o estudante no meio universitário, aprofundando seus conhecimentos e dando experiências proveinentes da pesquisa. Mais informações em furb.br/mipe



20 a 22 de
SETEMBRO de 2017





INSPIRAÇÃO

SEM LIMITES PARA AS ARTES



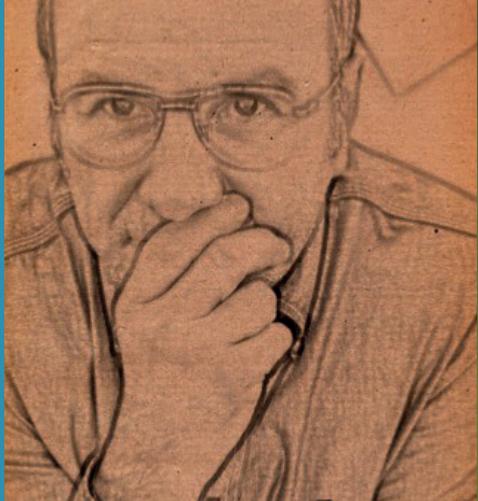
Uma edição que se foi, e outra que virá. A 6ª edição do COLMEIA ocorreu nos dias 26 e 27 de agosto, no Teatro Carlos Gomes e, de acordo com a organização, o evento levou 15.500 pessoas ao teatro. Foram 141 atrações gratuitas durante um fim de semana. O COLMEIA é um evento organizado pelo Coletivo Laboral Multicultural de Experimentações e Intervenções Artísticas e o Teatro Carlos Gomes, que realizam em conjunto esta ação. Agora, a expectativa fica para a edição do próximo ano.

Com a primeira edição em 2012, tendo como um dos idealizadores o artista Clóvis Truppel (in memoriam), o evento COLMEIA é colaborativo, organizado pela classe cultural em conjunto com o Teatro, que cede as dependências e a estrutura sem custos e os artistas cedem a sua produção. Para entender como funciona o movimento e participar da organização da próxima edição leia a Carta COLMEIA (<http://bit.ly/cartacolmeia>). Acompanhe as notícias e as novidades pelo www.facebook.com/coletivocolmeia e pelo coletivocolmeia.com.br/



FOTOS: LUIZ ANTONELLO/COLETIVO LENTE CRUA

ANNA LILIANO/COLETIVO LENTE CRUA



LADO B

A SOCIALIZAÇÃO COGNITIVA

A conjunção da crise econômica com o efeito “9º Ano” acendeu o sinal vermelho na FURB. Por um lado, a diminuição da renda constrange a demanda por formação superior; por outro, a ampliação do ciclo do ensino fundamental retarda a entrada na universidade. O efeito combinado da “retração” com o “represamento” foi uma queda brusca nas matrículas. Isto significa que a situação financeira, que não era boa, ficou ainda pior. A vulnerabilidade financeira aprofunda a disputa por recursos e intensifica os conflitos internos. Portanto, o desafio está em como equacionar esta situação?

Os primeiros movimentos não surpreendem. Afinal, a fórmula já era esperada. Por um lado, diminuição de despesas: a segunda onda de cortes que se materializa no aumento de horas ensino dos professores tempo integral; por outro, aumento da receita: oferta de ensino à distância através do curso de Turismo. Apesar de corretas, estas ações pecam pela ameaça e improviso. Precisam ser integradas num plano político de desenvolvimento institucional. E, portanto, desde 2012 a economia dava sinais de desaquecimento e a lei federal que ampliou o ciclo do ensino data de 2006!

Para entender melhor os dilemas e perspectivas é preciso considerar o desenvolvimento institucional da FURB. O desenvolvimento institucional da FURB foi concebido para funcionar com um monopólio intramunicipal ou microrregional. Porém, a desregulamentação do ensino superior promovida pelo Governo FHC, os investimentos públicos dos Governos Lula e Dilma e o EaD quebraram a reserva de mercado no início dos anos 2000. Submetida a uma competição, ao mesmo tempo intramunicipal, intermunicipal e extramunicipal a FURB priorizou dois tipos de serviços: a) Formação Padronizada; b) Formação Diferenciada.

a) A Formação Padronizada compreende a FURB Noturna e recruta, principalmente, o aluno-trabalhador. O aluno-trabalhador constitui aquele que é obrigado a trabalhar para poder estudar. Como não possui muito tempo para estudar, os recursos universitários convencionais acabam sendo subutilizados. Exprime a contradição de financiar a universidade, mas não conseguir aproveitar. Depende principalmente do que acontece em sala de aula. Aqui importa mais o curto prazo: preço, atendimento e o conforto. Assim, para este tipo de aluno, a FURB acaba sendo cara e não de boa qualidade.

b) A Formação Diferenciada compreende a FURB Diurna e corresponde ao aluno-profissional. O aluno-profissional compreende aquele que se dedica prioritariamente aos estudos. Tem acesso aos recursos gerados fora da sala de aula. Trata-se do jovem de classe média recém saído do ensino médio e que escolhe as formações liberais com um atalho para manutenção ou ampliação da condição social. Este aluno se concentra principalmente, mas não exclusivamente, nas áreas de saúde, tecnológicas e direito. A presença deste tipo de aluno se diferenciou muito em função do suporte do FIES.

Hoje o mercado local de ensino superior é atraente e vive uma disputa intensa. Caracteriza-se por duas tendências principais: a) Diminuição da quantidade de alunos: os efeitos demográficos do progressivo envelhecimento da população; b) Aumento da oferta de vagas: instalação de novos cursos presenciais e a distância. A relação entre diminuição da demanda e aumento da oferta constitui uma pressão crescente sobre o preço das mensalidades. Isto indica que apesar do custo FURB aumentar, as receitas tendem a diminuir. O que pode ser feito face o impacto do fluxo da demanda de ensino superior na região?

A perda de centralidade da FURB no mercado local de ensino

superior esta relacionada à dificuldade de diferenciação (Taxa Marginal de Substituição). Uma parcela do aluno-trabalhador a FURB perdeu para o setor privado (UNIASSELVI, SOCIESC, EaD) porque é mais “barato”; uma parte do aluno-profissional a FURB perdeu para o setor público (UFSC, UFs, IFs) porque é “melhor”. Agora, por um lado, a crise financeira afasta ainda mais o aluno-trabalhador pela diminuição da renda e, por outro, o 9º Ano adia a entrada do aluno-profissional. Neste sentido, o desafio da FURB é como alterar a curva de indiferença.

Como estratégia de aumento da receita, a FURB apontou para a Formação à Distância. O EaD mobiliza uma espécie de aluno-quântico. O aluno-quântico é aquele que, ao mesmo tempo, está e não está presente na universidade. As primeiras experiências de EaD datam da Gestão Egon Schramm 1, no final da década de noventa. Esta foi uma janela de oportunidade que se abriu para FURB e que não foi aproveitada. A inércia da administração pública associada ao preconceito corporativo fechou esta janela. Porém, hoje para a FURB se posicionar no EaD, é preciso agressividade (preço) e flexibilidade (agilidade).

Estes três serviços recrutam alunos com interesses que se contradizem mutuamente. A boa universidade do aluno-profissional não é a mesma que do aluno-trabalhador e do aluno-quântico. Isto significa que melhorar a FURB Diurna pode significar onerar a FURB Noturna. Isto acontece porque cada tipo de aluno tem necessidades diferentes. Por exemplo, a atração do aluno-quântico acaba sendo financiada pelo aluno-trabalhador e o aluno-profissional pela justificativa de aumento da receita. Uma forma de integrar estes tipos de alunos numa formação flexível é proporcionar ao aluno uma Socialização Cognitiva.

A Socialização Cognitiva pode ser ilustrada pelo curso de Publicidade e Propaganda. O curso de Publicidade e Propaganda tem 26 anos e duas entradas anuais. Vem respondendo eficazmente a um campo profissional e a um mercado que tem passado por profundas transformações nos últimos anos. Constituiu uma infraestrutura de laboratórios e espaços de convivência que possibilitam aos alunos entrarem às 07h e saírem às 22h. Isto acontece porque a formação não se limita à transmissão em sala de aula, mas passa também pela incorporação de expertise profissional nos ambientes de criação e convívio.

Neste sentido, os cursos de graduação da FURB precisam progressivamente se converterem em plataforma interativa. Um meio para aprendizado colaborativo e desenvolvimento de parceria. Por um lado, a FURB precisa flexibilizar a composição curricular, permitindo que o aluno customize sua formação; por outro, estruturar conjuntos de estações de trabalho com uso compartilhado para os alunos e ex-alunos desenvolverem iniciativas de inovação. Por exemplo, o último andar do Bloco J ou I seria de utilização livre durante o período vespertino. O que a nossa Dra Fabrícia Zucco chama de *Academic Coworking*.

O afastamento da curva da indiferença com a restrição orçamentária é perigoso. A diminuição da renda dos estudantes força a procura por uma formação superior gratuita ou mais barata. Se há vinte anos para reverter este quadro era preciso oferecer um ensino de melhor qualidade por um menor custo... Hoje o desafio consiste em fornecer um ensino melhor qualidade com menos recursos para investir. Mais precisamente, fazer o estudante aprender mais através de menos tempo ensino. Afinal, menos ensino pode representar mais alunos. Porém, o mais assustador é mesmo descobrir que ainda não nos demos conta disso.

“

Por um lado, a diminuição da renda constrange a demanda por formação superior; por outro, a ampliação do ciclo do ensino fundamental retarda a entrada na universidade. O efeito combinado da “retração” com o “represamento” foi uma queda brusca nas matrículas. Isto significa que a situação financeira que não era boa, ficou ainda pior.